

# Todas as letras de uma angústia

Maria Helena de Moura Arias

Universidade Estadual de Londrina (UEL-UNESP)  
Editora- Caixa Postal 6001- Campus Universitário-86051-990-Londrina-PR  
[helenarias@uel.br](mailto:helenarias@uel.br)

**Abstract.** *In view of the Romance Angústia of Graciliano Ramos, the present work has the pretension to demonstrate how much the search for an accomplishment can lose of a moment for another one, when the personage finds more significant obstacles in the city which chose for its permanence. The city of the gift is a labyrinth repleto of conflicts and challenges. The reality, something adjacent to its streets and façades segregate Luiz da Silva of its proper idealização. The personage fights against its fragile existence when she excludes from itself exactly any expectation that arrests it to the future. For it exists only the past and its ghosts.*

**Keywords.** *city; exists; reality; conflicts.*

**Resumo.** *Tendo em vista o Romance Angústia de Graciliano Ramos, o presente trabalho tem a pretensão de demonstrar o quanto a busca por uma realização pode sucumbir de um momento para outro, quando o personagem encontra obstáculos mais significativos na cidade a qual escolheu para sua permanência. A cidade do presente é um labirinto repleto de conflitos e desafios. A realidade, algo adjacente às suas ruas e fachadas, segregam Luiz da Silva de sua própria idealização. O personagem luta contra sua frágil existência quando exclui de si mesmo qualquer expectativa que o prenda ao futuro. Para ele existe apenas o passado e seus fantasmas.*

**Palavras-chave.** *cidade; existência; realidade; conflito*

## O realismo possível

Em sua *Pequena História da Literatura Brasileira*, Ronald de Carvalho considera que dentro do Naturalismo "a imaginação perdeu o seu poder temporal e as suas prerrogativas absolutas" (Carvalho, 1984:229) e conclui:

*As construções que não tinham por base o documento principiaram a vacilar, e a observação limitou o terreno da fantasia, nivelou-lhe as dimensões e determinou-lhe os confins, reduzindo-o a uma porção insignificante e quase desprezível. (Carvalho, 1984:229)*

Certamente que esta é uma constatação aplicada aos últimos decênios do século XIX. O escritor, antes de mais nada, deveria ser um exímio observador. Época em que a profissão de pintor de retratos desaparecia para dar lugar ao fotógrafo. O advento da fotografia repercutiu na literatura de maneira significativa, na medida em que os escritores faziam um retrato da realidade em seus livros. Além disso, suas conseqüências puderam ser percebidas para além das fronteiras daquele século.

Ao que tudo indica, este momento foi muito enaltecido por Émile Zola símbolo da Escola Naturalista quando diz que "a imaginação já não é a qualidade mestra do escritor" (Zola, 1995: 23). Mas o autor de L'Assommoir foi muito enfático na defesa do Naturalismo e propõe ao que ele designou como "senso do real":

*Visto que a imaginação já não é a qualidade mestra do Romancista, o que, então, a substitui? É preciso sempre uma qualidade mestra. Hoje a qualidade mestra do romancista é o censo do real [...] O senso do real é sentir a natureza e representá-la tal como ela é[...] O Dom de ver é menos comum do que o Dom de criar. (Zola 1995: 28)*

Para Zola, bem como colocou Ronald de Carvalho anteriormente, a imaginação perdeu o seu valor. No entanto, já no século XX, outro escritor faz algumas colocações próximas ao que propõe o romancista francês. Trata-se de Graciliano Ramos que, em crônica escrita no ano de 1945 "O fator econômico no Romance brasileiro", publicada na coletânea *Linhas Tortas*, cobra mais realismo dos escritores brasileiros, especificamente no que se refere a temática econômico/social.

*Acontece que alguns escritores se habituem a utilizar em romance apenas coisas de natureza subjetiva[...] Com certeza os nossos autores dirão que não desejam ser fotógrafos, não têm intuito de reproduzir com fidelidade o que se passa na vida. Mas então por que põem nomes de gente nas suas idéias, por que as vestem, fazem que elas andem e falem, tenham alegrias e dores? (Ramos, 1984: 256).*

Entretanto, Zola é mais cético em relação ao compromisso do escritor com seu mundo real e acrescenta que esta realidade, ou o "senso do real", deve soar como a verdade: "a verdade tem um som sobre o qual estimo que não nos poderíamos enganar. As frases, os parágrafos, as páginas, o livro inteiro devem soar a verdade" (Zola, 1995:28).

Já Graciliano Ramos adverte os escritores dizendo que "se estamos diante de um fato. Vamos estudá-lo friamente". E, em seguida, percebe que "este adverbio não será bem recebido", completando assim, de forma mais amena:

*"A frieza convém aos homens de ciência. O artista deve ser quente, exaltado. E mentiroso. Não sei porquê. Acho que o artista deve procurar dizer a verdade. Não a grande verdade, naturalmente. Pequenas verdades, essas que são nossas conhecidas" (Ramos, 1984: 259).*

Ao citar Émile Zola e Graciliano Ramos, tivemos a intenção de demonstrar o quanto os recursos oriundos do Naturalismo do século XIX, ainda eram bastante expressivos no século XX, com o chamado neo-realismo. Em sua pequena crônica, o autor de *Angústia*, faz colocações semelhantes a Zola, obviamente que de maneira menos incisiva. Ou seja, Graciliano admite a mentira, pois tudo é ficção, mas o escritor francês insiste no compromisso dos romancistas de sua época com uma suposta grande verdade. No entanto, provavelmente uma coisa é certa, em ambos os autores a realidade adquire cores mais insólitas nos centros urbanos. Suas criaturas tendem a um maior sofrimento e são para sempre vítimas de seus próprios conflitos.

### **Viver na cidade e padecer no sertão**

Graciliano Ramos publicou *Angústia* em 1936, ano em que foi preso pela Ditadura de Getúlio Vargas. Mesmo sem provas da acusação, é levado para diversos presídios. Nesta época mantinha amizade com escritores como Rachel de Queiroz e José Lins do Rego, os quais eram considerados como a vanguarda da literatura nordestina.

O livro trata da singular história de Luiz da Silva. Personagem solitário perturbado pelas recordações de sua infância. Veio do interior para trabalhar na capital. Mas não chegou até ali para realizar um grande sonho, e sim, como já não tinha mais nada nem ninguém, por uma absurda necessidade de fugir e se esconder.

Sob um olhar superficial é possível afirmar que houve, neste primeiro momento, uma mudança de espaço. No entanto, consideramos interessante observar outro aspecto, o qual implicaria na confirmação inequívoca de que a personagem nunca deixou sua terra natal. Ele trouxe consigo um fardo intenso de lembranças, as quais interferem significativamente na realidade da qual faz parte. Este aspecto é lembrado por Antonio Cândido:

*Tecnicamente, Angústia é o livro mais complexo de Graciliano Ramos. Senhor dos Recursos de descrição, diálogo e análise, emprega-os aqui num plano que transcende completamente ao naturalismo, pois o mundo e as pessoas são uma espécie de realidade fantasmal, colorida pela disposição mórbida do narrador.*

E é esta "realidade fantasmal" que amplia o abismo entre a personagem e a cidade grande. Luiz da Silva, tem plena consciência de sua realidade e vive em permanente conflito. Ao se deparar com os obstáculos impostos pelo novo espaço, volta ao passado. Invoca todos os fantasmas que fizeram parte de sua infância e estes corporificam o papel de guia. Luiz da Silva faz parte de duas realidades as quais resultam em tempos e espaços simultâneos. Sua angústia se debate nesta fragmentação existencial a qual impede a materialização de todos os seus desejos.

De acordo com Alfredo Bosi, " o realismo de Graciliano não é orgânico nem espontâneo. É crítico. O "herói" é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo. Sofrendo pelas distâncias que o separam da placenta familiar[...]" (Bosi, 1994:454).

A personagem faz parte de uma existência pessimista a qual parece presa a um tempo incontrollável. É possível perceber que a construção de sua história foi idealizada

sobre uma outra, lembrando aqueles documentos antigos conhecidos por palimpsesto, mas cujo texto primitivo não foi raspado. O texto anterior poderá ser visto a qualquer momento, podem ser inclusive, confundidos. Este é o ponto: Luiz da Silva, não tem um passado; seu presente está sendo construído sob uma base fluída; seu futuro não pode ser previsto, pois ele nunca o desejou efetivamente.

A verdade é que a rotina da cidade o amedronta. Se pudesse decidir, as coisas tomariam outro rumo: "Se pudesse, abandonaria tudo e recomeçaria as minhas viagens. Esta vida monótona, agarrada à banca das nove horas ao meio-dia e das duas às cinco, é estúpida. Vida de sururu. Estúpida." (Ramos, 1972:21). Assim, ele vai fazendo uma descrição muito sutil daquele lugar que prefere não desejar:

*Rolam bondes para a cidade, que está invisível, lá em cima, distante. Vida de sururu[...] Retorno à cidade. Os globos opalinos do Aterro iluminam o gramado murcho da praia branca. Os coqueiros empertigados ficam para trás[...] O Carro passa pelos fundos do Tesouro. É ali que trabalho. Ocupação estúpida e quinhentos mil réis de ordenado.[...] Rua do Comércio. Lá estão os grupos que me desgostam. (Ramos, 1972:22)*

Ou seja, ele tem verdadeira aversão a tudo que se refere àquela cidade, apesar de que é neste ambiente que volta às suas origens. Observando o movimento e a paisagem, aos poucos vai retornando ao seu lugar: "O bonde roda para oeste, dirige-se ao interior. Tenho a impressão de que ele vai me levar ao meu município sertanejo[...] Quanto mais me aproximo do Bebedouro mais remeço[...] Volto a ser criança, revejo a figura de meu avô." (Ramos, 1972: 23). Aqui ele reinicia sua fuga. Em todos os momentos em que a cidade o decepciona, Luiz da Silva recolhe-se ao seu ninho edificado no espaço das lembranças. No entanto, reconhece que as miragens de sua memória interferem em sua vida presente: "Penso em Mestre Domingos, no velho Trajano, em meu pai. Não sei porque mexi com eles, tão remotos, diluídos em tantos anos de separação. Não têm nenhuma relação com as pessoas e as coisas que me cercam." (Ramos, 1972: 25).

Mas, ao que tudo indica, Luiz da Silva não tem nenhuma ilusão em relação àquela cidade e até prefere estar com seus mortos: "Quando o carro pára, essas sombras antigas desaparecem de supetão [...] e vejo coisas que não me excitam nenhum interesse: os focos de iluminação pública, espaçados, cochilando, piongos, tão piongos como luzes de cemitério." (Ramos, 1972: 24). Percebe-se que a realidade vai se diluindo e, pouco a pouco, a personagem constrói um mundo à parte. Neste mundo há uma fusão do passado com o presente. Quando a personagem volta ao convívio com seus ancestrais já enterrados, o espaço se desloca. Por isso, não é prudente afirmar que Luiz da Silva está sempre na cidade, pois sua memória insiste em permanecer na roça.

Trata-se de um paradoxo? Neste Romance há de fato um espaço definido? Há uma realidade? É bem possível que haja, mas ao mesmo tempo concluímos que a construção da mesma acontece de forma fragmentada. São peças de um quebra-cabeça jogadas a esmo não importando em que momento podem ser encaixadas umas às outras, mesmo porque seus contornos parecem diferenciados.

Para complicar ainda mais, o narrador em primeira pessoa evita um maior confronto quando se utiliza freqüentemente do monólogo interior e fluxo de consciência,

recursos que lhe dá maior flexibilidade para avançar e recuar. Além disso, trata-se de uma narrativa circular, a qual tem início quando termina. Ou termina quando começa, acrescentando ao narrador um tempo maior e à personagem a ilusão de que sua história de fato não acaba considerando que jamais começou. Sobre esta circularidade, Anatol Rosenfeld explica que: "o passado e o futuro se inserem através da repetição incessante que dá ao romance um movimento giratório" (Rosenfeld, 1996: 83).

Tem-se a impressão de um grande jogo de tabuleiro. O narrador exige demais da personagem a qual busca a perfeição absoluta por saber que através dela poderá receber seu prêmio, ou seja, sua resignação. Luiz da Silva poderia simplesmente resignar-se. Perdoar Marina por sua imaturidade e aceitá-la. A resignação de Luiz da Silva poderia levá-lo a não matar Julião Tavares. No entanto, nada disso aconteceu. Houve uma paixão, houve um crime. Ou não houve?

Bem, este é um outro problema. Será que fomos enganados por acreditarmos que Luiz da Silva seria capaz de matar? Matar por Marina? Esta é uma hipótese lançada em um terreno cremoso, movediço, por ser pouco provável, mas não totalmente impossível. Porque o protagonista, apesar de movido por um ódio doentio, tinha uma fraqueza de espírito irremediável. Não era capaz de mover-se por nada neste mundo. Vivia em um mundo de estagnação absoluta concentrado em seu passado. E se dissermos que Luiz da Silva não matou Julião Tavares e que isto foi só uma artimanha do narrador para satisfazer o leitor e incriminar aquele ser tão perdido e mesquinho?

Mas não temos provas do assassinato. Nem tão pouco temos provas de que Luiz da Silva é o assassino. Tudo isso é uma louca hipótese, para entrar no jogo proposto pelo narrador. Quando finalmente compreendemos o protagonista em sua intensa aflição, nos damos conta de que as imagens lúgubres dos mortos retidos em sua memória, tornam-se quase reais porque oferecem a ele muitas vantagens, uma delas é absolvição. É através de seus mortos que ele vai justificando todos os seus atos, ou os atos que gostaria de concretizar. Aquelas pessoas que conheceu na infância e que agora não fazem parte deste seu mundo ordinário, interferem sistematicamente em sua vida.

Tudo leva a crer que Luiz da Silva foi vítima de suas próprias alucinações. O desgosto pela brusca mudança de ambiente e sua insatisfação quanto a sua realização profissional, tendem a empurrá-lo para um abismo sem fim. Acuada, acaba por aceitar sem restrições ou exigências, sua própria morte.

Pelo que consta esta hipótese já foi longe demais. Sim, mas, não podemos negar que neste livro habita uma narrativa supra real. Melhor dizendo, o abismo anteriormente citado refere-se também a uma realidade virtual, criada dentro de outra realidade de "carne e osso" que a sustenta. A existência consciente oscila entre o chão e as nuvens.

## **Conclusão**

O protagonista do livro *Angústia*, de Graciliano Ramos, escrito no século XX, tem muita dificuldade em se impor diante da sociedade para reivindicar sua liberdade. Trata-se de um enredo em que o protagonista vive a frustração de não ter a independência necessária para escolher seu futuro. Depende de seu emprego e, pior que isso, tem que suportar

pessoas que detesta, mantendo assim as aparências para permanecer em determinado grupo social.

No entanto, jamais sonha com alguma conquista. O que mais deseja, mesmo que de forma implícita, é voltar para o interior. Apesar de que este representa seu passado. Vive, portanto, em conflito. Imagina-se Luiz da Silva pelas sombras, com olhar desconfiado a chutar pedras e latas pelas ruas de maneira agressiva, mas pode ser também flagrado com olhar vago a observar as pessoas simples em sua rotina como o homem que enchia dornas e a mulher que lavava garrafas.

Luiz da Silva pode ser reconhecido como o arquétipo do escritor desconhecido que busca uma oportunidade na cidade: "Habituei-me a escrever, como já disse. Nunca estudei, sou um ignorante, e julgo que os meus escritos não prestam[...]" (Ramos, 1972:56). Anônimo de si mesmo constrói paredes invisíveis que supostamente o separam da mediocridade. Neste caso, o Romance também propõe uma discussão metaficcional. Assim, se o assunto são livros, Luiz da Silva indica : "Procuro recordar dos verões sertanejos, que duram anos. A lembrança chega misturada com episódios agarrados aqui e ali em romances. Dificilmente poderia distinguir realidade de ficção". (Ramos, 1972: 40). Ou seja, a personagem vacila entre a ficção e a realidade, misturando tudo como se esta fosse uma maneira de burlar a vigilância imposta pelo contexto em que vive.

Mesmo não sendo esta uma conclusão perfeita, verifica-se que há muitas possibilidades para análise neste Romance. Entre elas destaca-se principalmente a questão do espaço urbano e sua influência na vida das personagens ao expor suas armadilhas e, a solidão vista como o avesso da realidade.

Enfim, talvez seja por este motivo que Graciliano Ramos deu o nome de Angústia ao livro. Não há como negar que trata-se de um título muito perfeito e adequado, assim, como *Tristesse* de Chopin. É uma obra de arte, quase um sentimento.

## Referências

- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994
- CÂNDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão. Ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- CARVALHO, Ronald. *Pequena História da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; Brasília: INL (Fundação Nacional Pró-Memória), 1984.
- RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record; São Paulo: Martins, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Angústia*. Prefácio de Otto Maria Carpeaux. 14ª ed. São Paulo: Martins, 1972.
- ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto I*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1996
- ZOLA, Emile. *Do Romance*. Tradução Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário/Edusp, 1995.